

2ª versão

À MESTRA COM CARINHO: um (rápido) olhar sobre a obra de ANA LETYCIA

Trata-se de um privilégio: expor gravuras de ANA LETYCIA na Sala Imagem Gráfica da EAV/Parque Lage e na Sala Candido Portinari/UERJ é tornar acessível ao público um trabalho que marca, indiscutivelmente, a produção brasileira em artes plásticas.

ANA LETYCIA vai concentrar sua atuação como artista plástica no campo da gravura a partir de meados da década de 50. Nesse momento a artista vai aprender a apreender com mestres da envergadura de um Goeldi, de um Iberê Camargo e de um Darei. O convívio com a maestria maturou, precocemente, sua própria maestria. Assim, já em fins dos anos 50 e início dos anos 60, sua obra já era objeto de premiações internacionais expressivas - Bienal de Paris 1963/1965; Bienal de São Paulo 1957/1967; Mostra Latino-Americana de Gravura/Havana 1962 - e de ampla circulação nacional e internacional.

Artista já madura inicia no MAM/RJ, ainda nos anos 50, uma longa atividade didática nacional e internacional que se estende até o presente. Forma um incontável número de artistas plásticos atuantes no campo da linguagem gráfica e se torna um importante elo da história da gravura brasileira não só como artista mas também como didata e até mesmo como dirigente setorial, dado que integrou a Comissão Nacional de Artes Plásticas e dirigiu o Instituto Nacional de Artes Plásticas.

O rigor de sua obra gráfica foi objeto de textos críticos elaborados por autores da envergadura de um José Roberto Teixeira Leite, de um Walmir Ayala e de uma Carmem Portinho. As gravuras - que compõem a série das CAIXAS - ora expostas na EAV/Parque Lage e na Sala Candido Portinari/UERJ expostas originalmente em 1979 e 1983 forma objeto de textos críticos elaborados respectivamente ^{por} de Roberto Pontual e ^{por} de Frederico de Moraes. Assim, não foram poucos nem muito menos irrelevantes os críticos que se voltaram para uma análise da obra gráfica desta artista efetivamente magistral. Entretanto, sua atuação como artista plástica não foi ainda plenamente analisada pela crítica, dado que sua obra pictórica e cenográfica, se comparada com sua produção em gravura, não tem ainda a densidade necessária e justa. Fica aqui o desafio: as 4 décadas de trabalho de ANA LETYCIA reclamam um olhar menos ligeiro e a extensão de um belo livro. À mestra, com carinho, justiça.

GEORGE E. KORNIS

Em maio/95